

O riso combativo: a força do humor gráfico nas páginas do jornal Correio da Paraíba durante a ditadura¹

Rosildo Raimundo de Brito

Resumo: Este artigo apresenta um panorama sobre o humor combativo contra a ditadura civil-militar desenvolvido nas páginas do jornal Correio da Paraíba, na década de 1970. Trata-se de um recorte histórico produzido a partir dos resultados de uma pesquisa de doutorado acerca da luta travada por humoristas gráficos contra a ditadura na imprensa paraibana e que tem como objetivo destacar a contribuição destes na história do desenvolvimento do jornalismo satírico-humorístico paraibano. O trabalho está fundamentado no método de pesquisa e de análise de desenhos de humor enquanto documento histórico capaz de estabelecer articulações com diferentes práticas sociais e documentos da época estudada.

Palavras-chave: Humor, história, Correio da Paraíba,

Combative laughter: the strength of graphic humor in the pages of the newspaper Correio da Paraíba during the dictatorship

Abstract: This article presents an overview of the combative humor against the civil-military dictatorship developed in the pages of the Cor-

Rosildo Raimundo de Brito. Doutor em História Social. Professor efetivo do Curso de Comunicação Social/Educomunicação da UFCG. E-mail: rosildo.raimundo@professor.ufcg.edu.br

1. Trabalho desenvolvido a partir de um dos capítulos da tese intitulada: “Rir para resistir: a luta contra a ditadura na imprensa paraibana (1970-1980), defendida no Programa de Doutorado em História Social da USP, em 2020, e de autoria deste mesmo autor.

reio da Paraíba newspaper in the 1970s. It is a historical cutout produced from the results of a doctoral research on the fight waged by graphic humorists against the dictatorship in the Paraíba press and that aims to highlight their contribution in the history of the development of satirical-humoristic journalism in Paraíba. The work is based on the method of research and analysis of humor drawings as a historical document capable of establishing links with different social practices and documents of the period studied.

Keywords: Humor, history, Correio da Paraíba.

1. Introdução

Uma das instituições a desenvolver um papel determinante, mediante o golpe de 64, foi, sem sombra de dúvidas, a imprensa. Instância privilegiada de formação e direcionamento da opinião pública, não por acaso, a imprensa desempenhou um papel-chave no plano de tomada de poder militar, particularmente no que diz respeito ao meticuloso processo de controle de informações posto em prática durante a ditadura civil-militar, resultante do golpe contra o governo de João Goulart. Protagonistas de um complexo e ambivalente processo de relações de poder, para além de perseguidos, os órgãos que compunham a denominada grande imprensa foram, como atestam diversos estudos já realizados e obras publicadas, importantes aliados para a implantação da ditadura. Dessa maneira, não paira dúvida alguma sobre o papel controverso desenvolvido pela imprensa no período ditatorial que diante da radicalização dos efeitos repressivos e de violação dos direitos humanos impetrada pelos militares no Poder, especialmente a partir de 1968, com a implantação do mais rigoroso Ato Institucional impetrado na época,

o AI-5, se viu forçada a mudar de postura política, passando a se rebelar contra a perversa censura instaurada (BRITO, 2020).

Dentro desse reordenamento político-ideológico, os jornais diários passaram a se utilizar estrategicamente do humor gráficos como um dos mais vorazes instrumentos combativos, valendo-se, desta maneira, do histórico potencial de narrativa subversiva e da irreverência da linguagem humorística dentro desse embate. Na Paraíba, do mesmo modo que nos demais estados da Federação, os principais veículos em circulação passaram a investir na linha editorial humorística, tornando as diversas e distintas modalidades caricaturais em uso na imprensa nacional e regional, verdadeiros arsenais de grande potencial de confronto político-ideológico, além de estratégia mercadológica para conquista de novos leitores, tendo em vista o sucesso dessa tendência editorial pelo país afora. Foi o caso, por exemplo, dos dois principais jornais em circulação estadual naquela época: *O Norte* e o *Correio da Paraíba*, este último, objeto de estudo deste trabalho. Ambos os jornais ocupam um lugar de destaque na história de desenvolvimento do jornalismo satírico na Paraíba, sendo os primeiros jornais diários a investirem no humor gráfico como uma tendência narrativa dentro da denominada imprensa tradicional, também conhecida como comercial, ou hegemônica.

Do mesmo modo que os demais veículos jornalísticos paraibanos, o jornal *Correio da Paraíba*² se via submetido ao regime de censura impe-

2. Fundado em 5 de agosto de 1953 por Teotônio Neto, o jornal *Correio da Paraíba* surgiu com periodicidade semanal, passando em poucos meses à condição de jornal diário. Em 1980, o jornal foi incorporado pelo grupo da Polyutil, tendo à frente o empresário Roberto Cavalcante, presidente do Sistema Correio de Comunicação, constituindo-se no primeiro órgão de imprensa da empresa, hoje formada por uma rede de emissoras de rádios AM e FM, e de televisão, a TV Correio, retransmissora da TV Record. Até o dia 04 de abril de 2020, o *Correio da Paraíba* era o único jornal comercial diário a circular no Estado na versão impressa. Devido à crise econômica que atinge o grupo, o jornal fechou, demitindo vários de seus funcionários. Atualmente, tem apenas a versão online.

trado pela ditadura, o qual era exercido por meio de uma vigilância permanente junto à imprensa. A exemplo do que se via no restante do país, a censura aos meios de comunicação se dava de maneira distinta, contudo, a mais comum era aquele que era efetuada por meio da presença da figura do censor nas redações dos jornais, função essa executada, inicialmente por oficiais do exército e, posteriormente, pelos agentes ligados ao DPF – Departamento da Polícia Federal –, os quais podiam aprovar, editar ou até mesmo tolher textos que lhes eram encaminhados antes de serem publicados na imprensa. Essa rotina foi averiguada nas redações dos jornais paraibanos durante os anos 1970, como encontra-se descrito no Relatório Final da Comissão Estadual da Verdade e Preservação da Memória do Estado da Paraíba (CEVPM-PB)³.

Um dos recursos de censura à imprensa era a visita, duas vezes por dia, de um servidor da Polícia Federal à redação. Essas visitas ocorriam, geralmente, pela manhã e à noite. Ele chegava com um documento onde constava uma série de assuntos proibidos de serem abordados pela imprensa. O responsável pela redação no momento lia o documento e dava o ciente, rubricando. Não era deixada uma cópia na redação e isso, de certa forma, ampliava a autocensura, pois havia a insegurança de não haver memorizado todos os temas listados (PARAÍBA, 2017, p. 654).

Não obstante, foi na instância da política formal e, de modo especial, através da implantação do conjunto de medidas decretadas oficialmente, que contrariavam os direitos humanos, que a ditadura revelou sua face mais eminente e cruel, ferindo até mesmo alguns daqueles

3. Relatório elaborado como resultado de trabalho da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba (CEVPM-PB), instituída a partir do decreto n. 33.426, de 31 de outubro de 2012, no Governo Ricardo Vieira Coutinho, com a finalidade de buscar esclarecimento das graves violações de direitos humanos praticados por agentes públicos contra qualquer pessoa no território da Paraíba ou dos paraibanos fora do Estado.

que lhes foram aliados, como foi o caso dos órgãos de imprensa. A vigilância permanente e aplicação de mecanismos de censura política a que esses foram submetidos, sobretudo, até o início dos anos 1970, não deixaram dúvida quanto ao nível de arbitrariedades cometidas pelos militares e seus aliados civis em todo o país. Além da censura prévia, os jornalistas paraibanos também eram submetidos à autocensura. Tratava-se, segundo relato descrito no Relatório Final da CEVPM-PB pelo jornalista Severino (Biu) Ramos, do pior tipo de censura a que muitos dos profissionais de imprensa se impuseram, como forma de continuarem empregados na luta pela sobrevivência. Para o jornalista, que foi repórter e secretário do jornal *Correio da Paraíba*, submetidos a uma pressão e repressão constantes no ambiente de trabalho, muitos dos jornalistas começaram a censurar sua própria produção cotidiana, como forma de não sofrerem sanções de agência de controle da ditadura. Esse tipo de censura, que passou se tornar comum na imprensa em todo o país, conforme se verá mais adiante, foi revelada através de charge produzida no *Correio da Paraíba*, como forma de denúncia do abuso a que os humoristas eram submetidos.

2. O emprego do humor combativo no jornal *Correio da Paraíba*

Principal concorrente do jornal *O Norte*⁴, destacando-se como o segundo periódico da imprensa de mercado em circulação no Estado, o *Correio da Paraíba* apresentava-se no início da década de

4. Fundado em 07 de maio de 1908 pelos irmãos Oscar e Orris Eugênio Soares, passando a pertencer em seguida ao grupo empresarial de comunicação Diários Associados, *O Norte* destacou-se como um dos periódicos mais antigos em circulação diária no Brasil no século XX e XXI. O jornal destacou-se no pioneirismo do jornalismo satírico-humorístico na imprensa tradicional paraibana e permaneceu em circulação até o dia 1 de fevereiro de 2012, encerrando suas atividades em consequência de uma grave crise econômica que atingiu vários veículos de comunicação pertencentes ao grupo empresarial a que pertencia.

1970 com uma definição gráfica modesta, circulando com oito páginas ao todo e utilizando-se de poucas imagens⁵. A exemplo do que era comum na imprensa em todo o país, o jornal apresentava uma linha editorial voltada enfaticamente para os acontecimentos de natureza política e econômica, os quais, entretanto, eram abordados dentro de uma perspectiva que não desagradasse aos interesses do governo militar e à elite civil dominante aliada ao golpe de 64.

Não obstante, apesar de submetido ao mesmo regime político-ideológico que cerceava o trabalho democrático da cobertura jornalística e levava-o a uma condição de obediência aos governos civil-militares que se sucederam no Poder, diferentemente de seu principal concorrente, o *Correio da Paraíba* se apresentou menos subserviente e com uma linha política editorial mais discreta, de tendência mais liberal e combativa. De acordo com pesquisadores da imprensa paraibana, esse fato está atrelado em grande parte à própria tradição político-ideológica do jornal que, segundo descreveu o pesquisador Luiz Custódio Silva, tratava-se de um veículo que pelo menos até os anos 1960, se manteve mais próximo dos anseios populares. De acordo com a análise feita por Silva (1990, p. 141), foi nesse período especialmente que “[...] o jornal assumiu uma posição de liderança na região, com uma cobertura identificada com os movimentos populares aqui registrados”. Essa análise vai ao encontro do que é descrito por Araújo (1986, p. 290), que ao falar a respeito da postura política e ideológica deste jornal, afirma que: “Por toda a década de 60, mesmo nos momentos mais cruciantes de amordaçamento à imprensa, por

5. O jornal *Correio da Paraíba* apresentava o seguinte expediente no início dos anos 1970: Diretor: Hilton C. Mota; Gerente comercial: Luiz Otávio Amorim; Gerente administrativo: Murilo Maurício de Sena; Editor: Severino Ramos; Secretário: Gonzaga Fernandes. Esse quadro foi alterado durante a década, por força das mudanças administrativas pela qual a empresa passou naquele período.

parte do poder militarista, o *Correio da Paraíba* foi exemplar em seu comportamento. Se não podia gritar, também não se encolhia e tão pouco parecia estar a venda ou a serviço da ditadura armada”. Outro fator que evidencia esse caráter subversivo do *Correio da Paraíba* era a estreita relação dele com a ala representante dos clérigos envolvidos na luta de resistência contra a ditadura, a exemplo de Dom Marcelo Cavalheira e Dom José Maria Pires, ambos atrelados às Comunidades Eclesiais de Base.

Contudo, foi através da inserção das ilustrações satírico-humorísticas em suas edições diárias, a partir de 1975, que o *Correio da Paraíba* manifestou a sua postura combativa de maneira mais enfática, numa clara demonstração de inconformidade com a continuação do regime ditatorial, a princípio apoiado por ele mesmo e todos os demais órgãos de imprensa e poderes constituídos no Estado. A ausência do humor deixava o jornal mais sisudo, circunspecto e com menos possibilidade de levar ao leitor uma imagem mais crítica acerca da realidade socioeconômica e política que o Brasil atravessava na época. Diferentemente, entretanto, do que se viu em *O Norte*, que além de seguir uma tradição já vista em outros veículos pertencentes ao mesmo grupo de comunicação dos Diários Associados, e que trouxe a implementação do acervo caricatural inserida dentro do projeto de reforma gráfica e editorial arrojado, o jornal *Correio da Paraíba* agregou os gêneros gráficos e narrativos do humor de maneira mais modesta e num ritmo mais lento. Tal fator se justificou pelo fato de se tratar de um veículo economicamente inferior ao seu concorrente que pertencia a um dos maiores grupos de comunicação do país. Não obstante, os conteúdos presentes em tais publicações revelavam um teor mais combativo e ousado.

De início foi inserida a charge e só posteriormente, outros gêneros a exemplo dos quadrinhos e de colunas com textos humorísticos foram agregados ao periódico que pouco a pouco foi agregando à sua linha editorial, a irreverência da linguagem do humor subversivo. Em maio de 1975, o jornal reforça a inserção da linguagem irreverente do humor em seu acervo conteudístico ao abrir espaço para a publicação de uma página inteira dedicada a textos de natureza cômica, em geral, piadas que quase sempre eram ilustradas por desenhos caricaturais. A página intitulada de “1-Môr”, era assinada pelo trio de jornalista com forte verve humorística: Anco, Abmael Morais e Richardi Muniz⁶ e era publicada esporadicamente aos domingos. Além de piadas prontas, frases de efeito cômico, a coluna de humor satirizava o cotidiano de várias formas diferentes e inteligentes, conforme se pode ver na figura 1.

A página assinada pelo trio de humoristas versáteis que se desdobravam na produção de textos e ilustrações satírico-humorísticas, por um lado dava ao jornal um tom de leveza e descontração, através das piadas e frases cômicas centradas no cotidiano e, por outro, conduzia o público leitor a uma leitura crítica acerca da realidade social e política da época. Para tanto, buscava-se retratar por meio de charges que costumeiramente ilustravam a página, episódios que apontavam para os abusos cometidos durante a ditadura, a exemplo da tortura, como se vê na charge assinada por Richard Muniz, conti-

6. Anco Márcio de Miranda Tavares (1944-2013) e Abmael Morais (1945-1997) cuidavam da parte textual enquanto Richardi Muniz das ilustrações satírico-humorísticas. Os dois primeiros foram jornalistas que atuaram em diversos veículos de comunicação nos anos 1970 e 1980, e devido à forte vertente para o texto, dedicaram-se à literatura, tendo lançado alguns livros. Natural de João Pessoa, Anco Márcio especializou-se como contista e escreveu para vários jornais tradicionais e alternativos. Já Abmael Morais era natural de Ouro Branco (MG) mas, logo cedo se mudou para o Rio Grande do Norte, onde passou a maior parte do tempo, tendo residido também na Paraíba, onde atuou em vários jornais.

Munidos do potencial de desvelamento crítico do riso e da função política e social que este historicamente desempenha ao longo do tempo, conforme já foi detalhado por vários autores (MINOIS, 2003; PROPP, 1992; BAKHTIN, 1987; BERGSON, 1983), ao serem empregados na rotina produtiva jornalística, os desenhos satírico-humorísticos tornaram o *Correio da Paraíba*, um jornal ainda mais combativo. Dentro desse contexto e clima de contestação ao regime ditatorial, a exemplo do que se viu na imprensa nacional, as charges e os quadrinhos, de modo particular, as tiras de humor, destacaram-se como a principal modalidade do humor gráfico usada no jornal como narrativa transgressora a denunciar as principais mazelas do regime civil-militar. Nesse sentido, os desenhos publicados nas páginas do jornal *Correio da Paraíba* enfatizavam, dentre os vários efeitos nocivos, o exorbitante aumento do custo de vida que levou o Brasil à maior crise econômica do século XX e o problema da censura a que os jornalistas foram submetidos de maneira direta e indireta.

Tais realidades foram retratadas por meio de diversas charges, a exemplo do que se pode ver nas figuras 3 e 4, as quais denunciavam algumas das maiores chagas sociais e políticas que marcaram a década de 1970. Assinados pelos dois dos principais e maiores cartunistas que trabalharam no jornal e contribuíram para a história do humor gráfico paraibano, Richard Muniz e Deodato, os desenhos deixavam registrados nas páginas do jornal a memória social de acontecimentos que marcaram o Brasil na virada da década 1970/1980.

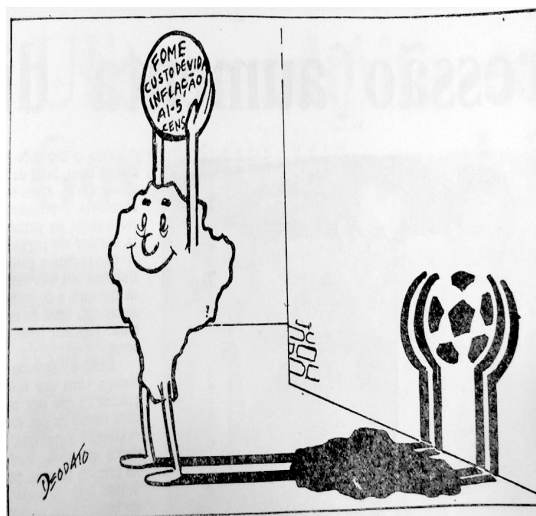
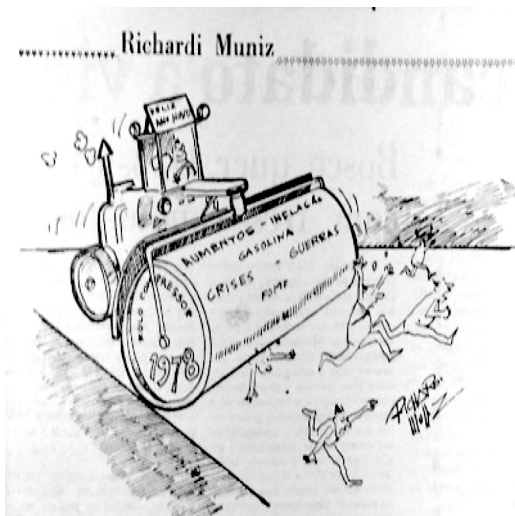


Figura 3 e 4: Charges de Richard Muniz e Deodato, publicadas no *Correio da Paraíba* em 1978. Fonte: Hemeroteca do jornal *Correio da Paraíba*

Contudo, foi só a partir do final da década de 70, especialmente com a chegada de Deodato Borges⁷ ao jornal, que o humor gráfico se expandiu e com ele, o humor político tomou formas ainda mais consistentes. Além de trazer para o jornal a tradição de publicação de tiras diárias que havia implantado no jornal *O Norte*, o polivalente profissional paraibano das artes gráficas incrementou ainda mais, por meio destas, a linha editorial pautada em narrativas críticas e combativas de que o humor satírico sempre se fez portador. O trabalho era realizado por um talentoso time de artistas gráficos, que por meio de charges e tiras produzidas diariamente, apresentavam um forte arsenal político-ideológico combativo que, para além da

7. Natural da cidade de Campina Grande (PB), Deodato Borges (1934-2014) foi um jornalista, radialista e quadrinista brasileiro que trabalhou em vários dos principais veículos de comunicação da Paraíba e de Pernambuco na década de 1960, assumindo diversos cargos administrativos e de comunicador. Mas foi enquanto desenhista que mais se destacou, tornando-se um dos maiores artistas gráficos paraibanos. Além de um dos primeiros autores de charges diárias publicadas na imprensa paraibana, ele é apontado como o pioneiro das Histórias em Quadrinhos na Paraíba.

imprensa alternativa, a qual historicamente sempre se demonstrou mais transgressora e originalmente subversiva, também se via na imprensa tradicional.

Paralelo à crítica sempre ácida e contundente do texto chágrico, estavam as mensagens sutis, mas não menos combativas, dos inúmeros personagens criados por quadrinistas paraibanos e de outros estados nordestinos, por meio dos quais, era possível se perceber as diversas e inteligentes formas criativas de combate às arbitrariedades que perduraram no país até o início dos anos 1980.



Figuras 5 e 6: Páginas publicadas na editoria de Lazer, em março de 1980, reservada ao humor gráfico com destaque para as tiras dos personagens “Lampião” e “Boi Misterioso”.

Fonte: Hemeroteca do jornal Correio da Paraíba

Tais tirinhas de humor, cuja configuração correspondem a uma gag que ao aproximar-se do cartum e da charge apresentam-se como recurso de crítica e de consciência social (MAGALHÃES, 2006), tornaram o jornal um dos veículos atuantes na luta de combate à ditadura por meio do movimento de resistência artístico-cultural que se via pungente no Brasil nos anos 1970 e 1980 e do qual, o humor gráfico se fez uma das manifestações mais aguerridas. Um fenômeno que se fez notório na imprensa paraibana a partir do surgimento de toda uma geração de humoristas que fizeram da arte gráfica, um genuíno instrumento de luta político-ideológica. Esse time, vale ressaltar, se tornou ainda mais reforçado no *Correio da Paraíba*, com a chegada de Luzardo Alves⁸, contratado pelo jornal no início de 1980, e por meio de quem o veículo endossou ainda mais a sua postura oposicionista e de combate ao regime político que, embora mais enfraquecido, permanecia em vigor no país naquela época.

A chegada de Luzardo Alves no *Correio da Paraíba* reforçou o elenco de humoristas gráficos que tornaram esse jornal um dos veículos mais combativos na imprensa tradicional, os quais levaram para dentro dessa um pouco da experiência vivida na denominada imprensa alternativa, por onde passou a grande maioria dos artistas gráficos militantes. Dentro dessa tendência migratória dos humoristas gráficos entre a imprensa alternativa e a imprensa tradicional e hegemônica, fenômeno esse, vale destacar, registrado na grande imprensa nacional, estava o estudante de jornalismo Marcos Nico-

8. Luzardo Alves da Costa (1932-2016) foi um artista gráfico autodidata nascido em João Pessoa e que se destacou no cenário do humor gráfico estadual e nacional, chegando a integrar o elenco dos grandes cartunistas brasileiros que trabalhavam para a renomada revista de circulação nacional, *O Cruzeiro*, do grupo Diários Associados.

lau⁹ que também se destacou na história do humor gráfico paraibano e que atualmente é um dos pesquisadores a contribuir para a memória desta. Essa migração de novos profissionais voltados ao campo do humor gráfico e ampliação deste dentro dos projetos editoriais dos principais jornais paraibanos na época também evidenciou o processo de consolidação cada vez maior, no contexto da imprensa paraibana, de algo já presente na grande imprensa há mais tempo, que era o emprego da linguagem irreverente do humor, especialmente o humor político, como uma das mais genuínas e legítimas ferramentas de luta político-ideológica.

Trata-se de um gênero que, por sua vez, encontrou espaço privilegiado no universo da caricatura e, através das diversas formas de ilustrações de cunho satírico-humorístico advinda desta e publicadas na imprensa, se disseminou entre o público leitor, evidenciando ainda mais o amplo poder de alcance retórico da imagem que, por sua vez, nas palavras de Meneses (2006) não só é instituída historicamente, como é também instituinte do processo de historicidade. Esse aspecto aponta para o caráter de representação social de que o desenho humorístico se faz portador e de grande importância enquanto objeto de estudo, na condição de documento histórico de grande valor para o registro da memória coletiva e social. Por esta razão, pesquisar desenhos de humor, como qualquer outro documento histórico, significa estabelecer articulações com diferentes

9. Marcos Antônio Nicolau é natural de João Pessoa e despertou para o universo dos desenhos em meados dos anos 1970, através da amizade com Richardi Muniz com quem aprendeu as primeiras técnicas da arte do desenho. Depois de passar pela experiência em jornais da imprensa tradicional e da imprensa alternativa, atuando como desenhista, chargista, quadrinista e editor, ele foi convidado por Deodato Borges a integrar-se à equipe de humoristas gráficos do jornal *Correio da Paraíba*, no início dos anos 1980. Atualmente, Marcos Nicolau é pesquisador do humor gráfico com o foco nas tiras, autor de vários trabalhos sobre o gênero.

práticas sociais e documentos da época estudada, contribuindo para o conhecimento histórico (SILVA, 2018).

3. Considerações finais

Foi, portanto, dentro desse contexto de inovação político-editorial, e na esteira do fortalecimento do humor político que teve em nomes como os de Ziraldo, Angeli e Henfil, alguns dos principais representantes dessa tendência editorialista que revelou toda uma geração de artistas gráficos voltados à militância através do humor, que o jornal *Correio da Paraíba* passou a contribuir efetivamente para a história do humor gráfico paraibano. Um jornal que durante a segunda metade da década de 1970 e início dos anos 1980, preencheu as páginas da imprensa paraibana com um humor crítico, combativo fortalecendo, desta maneira, a luta de resistência contra a ditadura.

Do ponto de vista histórico, o emprego de modalidades satírico-humorísticas como a charge e as tiras na sua rotina diária de produção jornalística, fazem com que o jornal *Correio da Paraíba* torne-se um dos veículos a referenciar a imprensa como fonte de objeto de estudo no campo de lutas sociais, dos quais se constituem e atuam (CRUZ & PEIXOTO, 2007, p. 253). E, dentro deste contexto, os humoristas gráficos, importantes agentes sociais partícipes de uma militância que, mesmo dentro da conjuntura da imprensa tradicional e até certo ponto comprometida com o poder hegemônico, repetiu em grande parte, o que se viu ocorrer no seio da imprensa alternativa, lugar historicamente privilegiado para os embates político-ideológicos que marcaram os anos 1970.

Referências

- ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: imprensa e vida (1826 a 1986)*. 2 ed. Campina Grande, Paraíba: Grafisset, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média*. São Paulo/Brasília: Hucitec/Ed. UNB, 1987.
- BRITO, Rosildo Raimundo de. *Rir para resistir: a luta contra a ditadura na imprensa paraibana*. 2020. 178f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História Social) – Universidade de São Paulo – USP, 2020.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- MAGALHÃES, Henrique. *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras*. Joao Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual: balanço provisório, propostas cautelares*. In: *Revista Brasileira de História*. Volume 23, número 45. São Paulo: ANPUH, 2003. Pp. 11-36. Disponível em <www.scielo.br> Acesso em 12 jan. 2017.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- SILVA, Marcos. *Rir das ditaduras: os dentes de Henfil (Fradim – 1971/1980)*. São Paulo: Intermeios. USP- Programa de Pós-Graduação em História Social, 2018. (Coleção Entr(H)istória).
- PARAÍBA. *Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba*. Relatório final/Paraíba. Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba; Paulo Giovanni Antonino Nunes, [et al.] – João Pessoa: A União, 2017. 748 p.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.